

Artur Santos e a Etnomusicologia em Portugal (1936-1969)¹

Cristina Brito da Cruz
britodacruz@netcabo.pt

Resumo

O Professor Artur Santos é por muitos recordado pela qualidade inquestionável da docência que exerceu no Conservatório Nacional de Lisboa. A sua carreira profissional foi mais vasta, desenvolvendo-se no âmbito da música erudita como pianista, compositor e professor e, no da música tradicional, como etnomusicólogo. O artigo agora publicado tem o mesmo título da Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais (2001), orientada pela Prof.^a Dr.^a Salwa Castelo Branco. Este trabalho de investigação permitiu um conhecimento aprofundado do trabalho etnomusicológico que Artur Santos realizou, incluindo documentação escrita, gravações sonoras, fotografias e filmes etnográficos, na sua maioria inédita, para além das colecções de discos (Beira Baixa e Beira Alta, Ilhas Terceira, de S. Miguel e de Santa Maria) e catálogos de exposições editados (Angola e Ilha de Santa Maria). A documentação que produziu, o seu empenho em institucionalizar a etnomusicologia em Portugal, a divulgação internacional que fez da Música Tradicional Portuguesa e o reconhecimento que os seus trabalhos tiveram a nível nacional e internacional, destacam-no como precursor da moderna etnomusicologia em Portugal.

Artur Álvaro dos Santos Correia de Sousa, conhecido profissionalmente como Artur Santos (A. Santos) nasceu a 15 de Janeiro de 1914 e faleceu a 5 de Junho de 1987.

A sua carreira profissional desenvolveu-se durante toda a sua vida no âmbito da música erudita, como pianista, como compositor, como professor particular de piano e como professor de composição no Conservatório Nacional de Lisboa (CN)², cargo que exerceu durante 40 anos, entre 1941 e até à sua reforma em 1980. A sua acção pedagógica marcou profundamente várias gerações de músicos, alguns dos quais contribuíram com os seus testemunhos³ para a elaboração da dissertação de mestrado com o mesmo título deste artigo que visou “analisar o seu percurso pessoal e profissional, como pianista, compositor, professor e etnomusicólogo” [Cruz 2001: 1].

Consideramos o contributo de A. Santos como etnomusicólogo ainda mais relevante do que a carreira que desenvolveu no âmbito da música erudita. A. Santos destaca-se entre os estudiosos de música tradicional em Portugal, pelo rigor da metodologia utilizada tanto no trabalho de campo como na edição de discos etnográficos, pela ampla cobertura geográfica que fez do território português e pelo seu trabalho pioneiro em várias regiões de Portugal continental, nas regiões autónomas e em Angola. Da actividade etnomusicológica que desenvolveu ao longo de três décadas, resultou um importante espólio ainda inédito, incluindo documentação escrita, gravações sonoras, fotografias e filmes etnográficos, para além das colecções de discos⁴ e de dois catálogos de exposições⁵ editados. Os discos com música tradicional das Ilhas Terceira, de S. Miguel e de Santa Maria e das então Províncias da Beira Baixa e Beira Alta que foram editados entre 1956 e 1965, são actualmente de difícil acesso. Por iniciativa do Instituto Cultural de Ponta Delgada (ICPD), em 2001 foram passadas para suporte digital as gravações de S. Miguel (realizadas em 1952/3 e 1959/60) e em 2002 as de Santa Maria (de 1958). Os discos e catálogos de exposições editados e os escritos inéditos⁶ são actualmente a única documentação a que é possível aceder e constituem um importante contributo para o conhecimento da música tradicional portuguesa (MTP), tanto pela sua extensão como pela sua qualidade.

Pela documentação que produziu, pelo seu empenho em institucionalizar a etnomusicologia em Portugal, pela divulgação internacional que fez da MTP, pelo reconhecimento que os seus trabalhos tiveram a nível nacional e a nível internacional, considera-se que A. Santos foi, no período em estudo, uma personalidade destacada no meio musical português. O seu interesse por aspectos musicais e etnográficos, bem como os objectivos a que se propunha nas suas investigações, destacam-no como precursor da moderna etnomusicologia em Portugal.

Apesar de ser do conhecimento público que A. Santos desenvolveu durante décadas intensa actividade etnomusicológica, apesar dos elogios que os discos etnográficos que compilou mereceram por parte de entidades oficiais e de vários etnomusicólogos de renome mundial e apesar da grande divulgação feita pela imprensa nos anos 50 e 60, a sua obra etnomusicológica foi caindo no esquecimento. Conhecia-se a sua existência, mas não se tinha acesso nem ao seu espólio, nem aos discos editados.

Os espólios de investigadores do período em estudo e de instituições do Estado Novo, que foram extintas ou reformuladas após o 25 de Abril de 1974, estão na sua maioria por inventariar e normalmente arquivados em condições que não permitem pesquisa eficaz.

Até à elaboração deste estudo, a documentação inédita que A. Santos produziu estava na íntegra por estudar e foi encontrada dispersa, na posse de particulares e de várias instituições, muitas vezes com acesso condicionado ou sem estar acessível a consulta, dadas as condições precárias de conservação em que se encontra parte da documentação. Daí a importância que se atribuiu à inventariação preliminar do espólio, fruto de moroso trabalho de pesquisa junto de várias instituições. Para além da inventariação de toda a documentação encontrada, houve instituições em que a pesquisa foi condicionada ou impossibilitada e instituições que confirmaram o desaparecimento ou a deterioração de documentação relacionada com os trabalhos desenvolvidos por A. Santos. A informação contida na dissertação pode facilitar a execução de estudos futuros sobre o investigador e a sua obra, dada a inventariação do espólio feita, as indicações fornecidas sobre a sua localização e sobre as actuais condições de conservação da documentação em diferentes suportes.

De acordo com documentação encontrada, considerou-se que a actividade etnomusicológica de A. Santos se desenvolveu entre 1936 e 1969. Em 1936 realizou a sua primeira estadia de campo (Beira Baixa). Mais de uma dezena se lhe seguiram, com durações entre um mês e cerca de um ano e meio. A partir de 1969 não foi encontrada qualquer documentação sobre a sua actividade etnomusicológica.

A análise do espólio encontrado conduziu à divisão da sua carreira em cinco períodos. Estes foram caracterizados sobretudo a partir da documentação relacionada com o trabalho de campo e os seus resultados, em especial os discos etnográficos, as transcrições e as notas sobre trechos musicais, intérpretes e instrumentos.

O primeiro período estende-se entre 1936 e 1948. Nesse período A. Santos realizou estadias de campo em zonas raianas de Portugal (Beira Baixa, Trás-os-Montes, Baixo Alentejo e Beira Alta) entre 1936 e 1944, e como estudante de composição em Inglaterra e em França, entre 1945 e 1948, deu as suas primeiras palestras e contactou com etnomusicólogos estrangeiros. Foram os anos em que consolidou a sua formação etnomusicológica, com a experiência ganha no terreno e com o contacto no estrangeiro, com grandes mestres da disciplina. A sua abordagem ao estudo da MTP foi nesta fase, como ele próprio afirmou, a de um compositor interessado na “criação de música erudita, com acentuado e indiscutível cunho nacional” [Carta. A. Santos. IAC.14/6/1952]. Em finais da década de 40 essa motivação foi-se progressivamente transformando num interesse científico por um objecto de estudo mais alargado, que incluía para além do produto sonoro, as pessoas e os contextos com ele relacionados.

Nos períodos seguintes da sua carreira, a abordagem que A. Santos fez ao campo, já não é exclusivamente a de um compositor pesquisando fontes musicais, mas sim a de um investigador interessado na documentação e no estudo da música tradicional. No segundo período, correspondente ao ano de 1949, dedicou-se ao estudo da música tradicional de Angola, tendo realizado trabalho de campo nas regiões da

Lunda e Alto Zambeze. No terceiro período realizou trabalhos etnomusicológicos na Beira Baixa e na Beira Alta em 1956. O quarto período, o de maior duração, decorreu entre 1952 e 1965 e foi dedicado ao estudo da música tradicional açoriana (Ilha Terceira, Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria) e madeirense. A partir de 1960, A. Santos desenvolveu também actividades a nível institucional, visando sobretudo a institucionalização da etnomusicologia em Portugal.

O percurso de A. Santos na música erudita, foi considerado importante para melhor compreensão da sua carreira etnomusicológica, não só porque a sua formação musical condicionou o modo como abordou o campo, mas porque essa formação lhe deu credibilidade como investigador.

A. Santos foi uma “criança prodígio”, epíteto que o próprio rejeitava. Aos dez anos realizou um recital muito elogiado pela imprensa, em que se apresentou como intérprete de difíceis obras do repertório erudito e como improvisador, tendo ainda executado obras para piano da sua autoria. Com pouco mais de 20 anos concluiu os Cursos Superiores de Piano e de Composição do CN, ambos com a classificação máxima, foi duas vezes premiado como compositor com o Prémio de Composição (1935) e o Prémio Beethoven (1936) do CN e as suas obras foram divulgadas pela Emissora Nacional de Radiodifusão (EN) e em concertos em Portugal e no estrangeiro. No início da sua carreira como pianista teve o apoio de Marcus Garin, seu professor de piano, e de José Viana da Mota, então director do CN. Como compositor, para além de Viana da Mota, contou sempre com o apoio de Luís de Freitas Branco, seu professor de composição e foi sobretudo graças à acção do maestro Pedro de Freitas Branco, que as obras para orquestra que compôs foram divulgadas.

Quando em 1936, A. Santos iniciou o trabalho de campo junto das populações rurais cujas práticas musicais queria conhecer, já estava diplomado em piano e em composição. Era neste período um compositor à procura de uma linguagem musical nacional, pesquisando fontes musicais que pudesse incorporar nas suas obras, na senda de mestres portugueses como o próprio Viana da Mota ou como Francisco de Lacerda e sobretudo copiando modelos estrangeiros como o de Béla Bartók ou Vaughan Williams, compositores e folcloristas que A. Santos muito admirava.

O primeiro período que definimos na sua carreira etnomusicológica inclui as estadias de campo na Beira Baixa, em Trás-os-Montes, no Minho, no Baixo Alentejo e na Beira Alta, de que resultaram transcrições musicais. Para além disso, em 1939 A. Santos realizou pela primeira vez gravações sonoras em Trás-os-Montes com o apoio dos Serviço Técnicos da EN. Essas gravações não foram encontradas no decorrer desta investigação. O Arquivo Sonoro da RDP, assumiu o desaparecimento da maior parte da documentação sonora produzida pela EN até aos anos 40. No entanto possui ainda centenas de cópias em DAT, que têm inscritas: “música folclórica - EN”. É possível que entre essas centenas de horas de gravações não inventariadas, se venham a descobrir as referidas gravações.

Foi já durante o Regime do Estado Novo que A. Santos iniciou os trabalhos de documentação de práticas musicais de populações rurais, habitando em regiões de difícil acesso, servidas por uma rede rodoviária deficiente e onde a distribuição de energia eléctrica ainda não chegara. Em Portugal continental estudou zonas raianas, isoladas pela sua interioridade e por serem zonas de montanha; nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, era a insularidade que forçava ao isolamento essas populações. A. Santos, como aliás os outros estudiosos de música tradicional no mesmo período, consideravam esse isolamento uma condição essencial para a sobrevivência do repertório que queriam documentar. Esse repertório, a que A. Santos se referia como “folclore musical” ou como “música popular arcaica, autêntica e pura”, era seleccionado com apertados critérios estéticos e artísticos e após aturado trabalho preliminar, a que chamava “prospecção etnográfica”. A. Santos procurava os trechos mais antigos, que lhe eram indicados pelos informantes e que confirmava a partir das características musicais que lhes reconhecia. A partir de algumas das notas que escreveu e pela análise feita às transcrições e às gravações que realizou, consideramos que A. Santos valorizava as monodias vocais caracterizadas pelo ritmo livre, por organizações modais ou pelo aparecimento de alterações ocorrentes em melodias tonais, que os intérpretes enriqueciam recorrendo à ornamentação e a outras formas de improvisação. Interessava-se também

pela improvisação instrumental, pela polifonia modal e por afinações não temperadas. São características musicais que despertam interesse, sobretudo a um músico com preparação erudita.

No primeiro período definido, a composição era ainda a actividade principal de A. Santos. Paralelamente dava aulas de piano e mantinha actividade regular na EN como pianista, sobretudo acompanhando a cantora Arminda Correia, divulgando harmonizações de MTP da sua autoria, outras escritas por Rodney Gallop e por vários compositores portugueses, de que destacamos Francisco de Lacerda. Depois de uma breve passagem pela EN, em 1940, como produtor de programas musicais, em 1941 começou a exercer o cargo de professor do CN. Nos anos seguintes, foi novamente premiado como compositor com o Prémio Rey Colaço (1943) e viu publicadas algumas das suas obras para canto e piano [EN 1944 e 1948]. Desde o final dos anos 30 que queria estudar composição no estrangeiro, mas foi obrigado a adiar os seus projectos devido à eclosão da 2.^a Grande Guerra Mundial. Foi após o Armistício que partiu para Inglaterra, ainda em 1945, na companhia de Tília Santos, com quem casara em 1937. Tinham sido colegas no CN. Tília Santos era diplomada em Piano e fez como cantora várias apresentações públicas acompanhada ao piano por A. Santos. Para além dos seus conhecimentos musicais, dominava quatro idiomas e teve um papel importante na carreira do marido, como cantora, como tradutora e, a partir da década de 50, como assistente em todos os seus trabalhos etnomusicológicos.

Entre 1945 e 1948, A. Santos estudou composição, primeiro em Londres com Vaughan Williams, Alan Bush, George Dyson e Lloyd Webber e depois em Paris com Noël Gallon, Tony Aubin, Charles Koechlin e Olivier Messiaen. Foi também em Inglaterra que A. Santos realizou as suas primeiras conferências sobre MTP [Palestras em Inglaterra. Azevedo e Santos. 1947] e que realizou uma comunicação, como Delegado Oficial do Governo Português, no Congresso Internacional de Folclore do *International Folk Dance Council*. Nesse congresso decidiu-se a fundação do *International Council for Traditional Music* e A. Santos foi eleito para os órgãos directivos dessa instituição, cargo que desempenhou até 1951.

Durante os anos que permaneceu no estrangeiro, A. Santos estabeleceu contactos com importantes personalidades da etnomusicologia, como o já referido Vaughan Williams e ainda com Rodney Gallop, Maud Karpeles, Douglas Kennedy e Duncan Emrich, em Londres, e com Jacques Chailley e Claudie Marcel-Dubois, em Paris, contactos que manteve durante toda a sua vida profissional. Da análise da sua correspondência do estrangeiro, verifica-se a sua adesão ao que denominava “folclorismo científico”, seguindo os objectivos e as metodologias de trabalho definidos por Bartók e que caracterizam a escola húngara de etnomusicologia.

De regresso a Portugal A. Santos começou a realizar estadias de campo de maior duração e com apoios institucionais, que a sua condição de músico de valor reconhecido e de professor do CN favorecia. O trabalho de campo em Angola em 1949, foi subsidiado pela Companhia de Diamantes de Angola (DIAMANG); em 1956, os trabalhos na Beira Baixa e na Beira Alta, foram realizados por iniciativa da *British Broadcasting Corporation* (BBC); entre 1952 e 1965, nos Açores e na Madeira, os seus trabalhos foram patrocinados pelas Juntas Gerais dos Distritos Autónomos de Angra do Heroísmo (JGAH) e do Funchal (JGF), pelo ICPD e pelo Instituto de Alta Cultura (IAC), que nunca apoiou qualquer outro etnomusicólogo, durante um período de tão longa duração. É destes trabalhos que resultou a maior parte da documentação escrita, as gravações sonoras, as fotografias e os filmes, que permanecem inéditos, para além das colecções de discos editados com música tradicional açoriana e beirã.

Artur Santos distingue-se de todos os outros investigadores de MTP pelo cuidado posto no estudo prévio realizado no campo, no conhecimento e na selecção tanto dos trechos musicais gravados como dos detentores da tradição que colaboraram nas gravações como intérpretes. Para além de seleccionar cuidadosamente o repertório e os intérpretes, obtinha sempre mais do que uma versão de cada trecho gravado e registava sistematicamente a informação que recolhia sobre os trechos, os intérpretes, os instrumentos musicais e os contextos de gravação. Era também extremamente perfeccionista em relação à qualidade técnica das gravações, que nesta altura eram muito difíceis de realizar, dadas as dificuldades de transporte dos pesados equipamentos de gravação e do irregular ou inexistente fornecimento de

energia eléctrica. O mesmo cuidado era posto na fase de montagem e edição dos trechos, bem como na informação a incluir nas colecções editadas. O grau de exigência com que realizava os seus trabalhos, obrigava-o a longas estadias de campo. A duração das estadias de campo foi aumentando ao longo da sua carreira, chegando a durar mais de um ano, como foi o caso de alguns dos trabalhos de campo nas Ilhas de Santa Maria (1957/58), de S. Miguel (1959/60) e da Madeira (1962/63). Isso permitiu-lhe conhecer em profundidade a música tradicional de cada região estudada, e realizar as referidas escolhas criteriosas dos trechos a gravar. A sua preocupação com a qualidade artística dos trechos e dos intérpretes seleccionados e também com a qualidade técnica das gravações sonoras, da sua montagem e da sua edição, teve como resultado a produção de discos etnográficos de qualidade excepcional e de uma documentação inédita que consideramos merecer estudos futuros.

Artur Santos foi assim um dos investigadores de MTP que mais se destacou até ao final da década de 60. Nas suas estadias de campo cobriu uma parte considerável do território continental, incluindo, como referido, as antigas Províncias da Beira Baixa, Trás-os-Montes, Minho, Baixo Alentejo e Beira Alta. Nas suas palestras está documentado um conhecimento da MTP que incluía regiões menos estudadas pelos investigadores deste período, como o Algarve ou o Ribatejo, a Beira Litoral ou o Douro Litoral. De notar que nestas iniciativas sobre o património musical português, A. Santos também incluiu o fado de Lisboa na sua exposição, única prática musical urbana que referiu nos seus trabalhos.

No período em estudo, o interesse de A. Santos pela MTP foi partilhado por Armando Leça, Lopes Graça, Vergílio Pereira e Michel Giacometti, que produziram a documentação mais ampla referente ao território continental. Destes, embora Armando Leça e Vergílio Pereira fossem professores de música e regentes corais, apenas Lopes Graça tinha uma carreira profissional no âmbito da música erudita semelhante à de A. Santos. Ambos tinham concluído os Cursos de Piano e de Composição com altas classificações, ambos tinham realizado estudos no estrangeiro e desenvolvido reconhecidas carreiras como pianistas e compositores. Como se demonstra na dissertação escrita, a sua postura face ao estudo da MTP era idêntica, seguindo a orientação teórica do “folclorismo científico” e apontando como modelo Béla Bartók e os trabalhos por ele realizados no âmbito da etnomusicologia. Lopes Graça não se considerava no entanto folclorista e apenas em raras ocasiões realizou trabalho de campo, sempre como compositor, como aliás A. Santos no início da sua carreira etnomusicológica. Contrariamente a Lopes Graça, A. Santos deu prioridade à sua carreira de investigador, em detrimento da sua carreira como compositor.

A. Santos em Trás-os-Montes e Armando Leça no Algarve, foram os primeiros portugueses a realizar gravações de MTP em 1939. A. Santos foi o primeiro português a realizar trabalho de campo e gravações em Angola (1949), nos Açores (1952 a 1960) e na Madeira (1962/63). Foi ainda o primeiro a editar discos etnográficos em Portugal em 1956 ([JGAH 1956] e [ICPD 1956] com tradicional açoriana) e o primeiro português a ver as suas gravações de MTP editadas no estrangeiro, também em 1956 ([BBC 1956] com música tradicional beirão).

Para além do estatuto que a sua obra discográfica lhe confere na disciplina, A. Santos teve um papel importante no reconhecimento oficial da etnomusicologia em Portugal e nas tentativas feitas para a instituir. Nas décadas de 50 e de 60, em todas as suas palestras e nas cartas dirigidas ao IAC, insistiu na importância de se criar um arquivo com biblioteca, fonoteca, fototeca e filmoteca especializadas em música tradicional. Dava exemplo do que se passava no estrangeiro, realçava a importância da etnomusicologia e imputava às autoridades portuguesas a obrigação moral de realizar na prática o que defendiam em discursos: “salvar o património espiritual da nação” que todos então consideravam em riscos de “extinção”. O primeiro centro de estudos de MTP foi projectado e regulamentado por A. Santos e foi criado em 1964 pelo IAC, mas teve uma existência efémera. Esta instituição, denominada Centro de Estudos de Etnomusicologia (CEE/IAC), não teve os resultados que A. Santos esperava: a formação de etnomusicólogos, a promoção da documentação e do estudo da MTP e a fundação de um Arquivo Sonoro semelhante aos que conhecera no estrangeiro.

Em 1960, na condição de membro da Comissão de Etnomusicologia da Fundação Calouste Gulbenkian (CE/FCG), A. Santos integrou pela primeira vez uma equipa de trabalho com outros estudiosos de MTP. No âmbito da Comissão, a sua avaliação de projectos e de trabalhos realizados sobre a MTP, estabeleceu normas de qualidade para o trabalho de investigação a realizar em Portugal, condicionando deste modo os estudos realizados durante a década de 60. Em 1961 planeou com Lopes Graça e Jorge Dias, com a concordância de Madalena Perdigão e sob o patrocínio da FCG, o primeiro Curso de Etnomusicologia em Portugal. Seria realizado na própria Fundação, teria a duração de um mês e teria como público alvo candidatos com sólidos conhecimentos musicais. O Curso, que contaria com as colaborações importantes de Vergílio Pereira e de Ernesto Veiga de Oliveira, chegou a estar agendado, mas foi sucessivamente adiado e não chegou a realizar-se.

A nível internacional a carreira de A. Santos é relevante não só pelos contactos que desenvolveu, mas também pela sua participação na fundação do *International Folk Music Council* (IFMC) em 1947 e nos órgãos directivos dessa instituição (1947/51). O reconhecimento internacional do seu trabalho reflecte-se também nos vários convites que recebeu para colaborações internacionais. A dificuldade em obter autorizações para deslocações ao estrangeiro e os necessários apoios financeiros para as realizar, impediram a concretização de várias das participações projectadas. Mesmo assim, em 1947 A. Santos realizou palestras em Inglaterra, a convite da Universidade de Oxford, da *English Dance and Song Society* e da *Anglo-Portuguese Society* e fez uma comunicação no Congresso Internacional de Folclore promovido pelo *International Folk Dance Council*. Em 1954, realizou uma exposição de fotografias e de instrumentos de Angola, no Instituto dos Trópicos em Amesterdão. Esta exposição, que já apresentara em 1951 no SNI, Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, contou em Amesterdão com a colaboração de Jaap Kunst, o investigador que cunhou a etnomusicologia e com quem A. Santos se correspondeu tanto a nível profissional como pessoal. Aproveitando a sua deslocação à Holanda, A. Santos visitou nessa altura centros de estudos em Bruxelas e em Paris, encetando os contactos com Paul Collaer, director do *Cercle International d'Ethnomusicologie de Bruxelles* e com André Schaeffner, investigador no *Musée de l'Homme*, que o convidariam para escrever artigos, realizar palestras e repetir a referida exposição, o que não chegou a acontecer. Na última colaboração de A. Santos com instituições estrangeiras, para além de pequenas participações nas publicações listadas na dissertação, A. Santos dirigiu uma equipa de trabalho a convite da BBC (1956) de que resultaram as edições discográficas de música tradicional beirã já referidas. A consagração internacional do seu trabalho deu-se no final da década de 50 e na década de 60: os discos etnográficos que A. Santos compilara e que enviara para centros de estudos de 28 países nos cinco continentes, com o apoio do IAC e das instituições açorianas que os editaram, foram elogiados pelos etnomusicólogos mais conceituados do período em estudo, como comprova a correspondência que lhe endereçaram.

Depois de uma carreira a todos os níveis notável, A. Santos começou, no final dos anos 60 a sentir grandes dificuldades para continuar a sua actividade etnomusicológica. Os seus pedidos de apoio para a continuação do trabalho de campo na Ilha da Madeira, que interrompera em 1963, não tiveram resposta positiva. Os seus discos demoravam anos a ser editados, tendo os últimos, datados de 1965, resultado de gravações realizadas em 1958. Em suma, não conseguia que o seu estatuto de etnomusicólogo fosse reconhecido oficialmente, frustando-se também as suas expectativas quanto à criação de um arquivo de MTP e de uma escola de etnomusicologia. A morte de Tília Santos, em 1969, coincidiu com o final de uma carreira que foi desgastante para A. Santos. Sem o apoio da sua mulher e assistente nos seus trabalhos etnomusicológicos, A. Santos desistiu de lutar contra uma conjuntura que lhe era desfavorável.

Por tudo o que foi exposto se reafirma que pela obra discográfica, pela obra inédita, pelas tentativas de instituição da etnomusicologia em Portugal, pela divulgação internacional que fez da MTP, pelo reconhecimento dos seus trabalhos a nível nacional e a nível internacional, A. Santos foi uma personalidade destacada na etnomusicologia em Portugal.

Abreviaturas e siglas

(**BBC**) British Broadcasting Corporation, (**CEE/IAC**), Centro de Estudos de Etnomusicologia do IAC, (**CE/FCG**) Comissão de Etnomusicologia da FCG, (**CN**), Conservatório Nacional, (**DIAMANG**) Companhia de Diamantes de Angola, (**DRC**) Direcção Regional da Cultura dos Açores, (**EN**) Emissora Nacional de Radiodifusão, (**FCSH-UNL**) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (**FCG**) Fundação Calouste Gulbenkian, (**GEM/EN**) Gabinete de Estudos Musicais da EN, (**GRA**) Governo Regional dos Açores, (**IAC**) Instituto de Alta Cultura, (**ICPD**) Instituto Cultural de Ponta Delgada, (**IFMC**) International Folk Music Council, (**IHIT**) Instituto Histórico da Ilha Terceira, (**INET**) Instituto de Etnomusicologia da FCSH-UNL, (**JGAH**) Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, (**JGF**) Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, (**JGPD**) Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, (**MAH**) Museu de Angra do Heroísmo, (**MTA**) Música Tradicional Açoriana, (**MTP**) Música Tradicional Portuguesa, (**RDP**) Rádio Difusão Portuguesa, (**SNI**) Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, (**UNL**) Universidade Nova de Lisboa.

Bibliografia

- Cruz, Cristina Brito da (2001) *Artur Santos e a Etnomusicologia em Portugal (1936 - 1969)*. Dissertação de Mestrado, FCSH-UNL (inclui transcrição de textos inéditos que se encontram no espólio de Artur Santos no MAH e no INET, como os referenciados no texto [Carta. A. Santos. IAC.14/6/1952] ou [Palestras em Inglaterra. Azevedo e Santos. 1947]).
- EN (1944) e (1948) *Álbuns da Música Portuguesa. Canções Populares Portuguesas*, Vol. I e II. Lisboa: GEM/EN.
- GRA/DRC (2005) *Semblantes e Rumores. Apontamentos fotográficos do etnomusicólogo Artur Santos. Santa Maria 1958*. Angra do Heroísmo: Oficialdesign, Memória Digital Atlântica e Casa da Cultura da Terceira. [ISBN 972-647-192-3].
- DIAMANG (1951) *Missão Folclórica do Prof. Artur Santos à Lunda e Alto Zambeze. Exposição realizada no SNI. Junho 1951*. Lisboa: DIAMANG.

Discografia

Discos etnográficos compilados por Artur Santos (LPs e 45 r.p.m.)

As referências discográficas utilizadas, são feitas de modo a explicitar o editor, o ano de edição e o número de discos de cada colecção. Cada colecção da antologia incluía um folheto, basicamente com o mesmo texto, que foi sendo completado a cada nova publicação.

[JGAH 1956 1-18]

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Antologia Sonora: Ilha Terceira 1-18. JGAH. Discos 1-14: (LP 9^{7/8}" , ø25cm, 78 rpm) F 100.000 - 100.005H, F 100.008 - 100.012 H, F 100.0014 - 100.016 H; Discos 15-17: (LP 11^{3/4}" , ø30cm, 78 rpm) F 100.017 - 100.019 G; Disco 18: (LP 9^{7/8}" , ø25cm, 78 rpm) F100.020 H.

[ICPD 1956 1-10]

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Antologia Sonora: Ilha de S. Miguel 1-10. ICPD. (LP 9^{7/8}" , ø25cm, 78 rpm) F 100.021 - 100.030 H.

[BBC 1956 1-10]

Folk Music of Portugal. Londres: BBC. (LP 33^{1/3} rpm) LP 23757-23766.

[JGAH 1957a]

Música Popular da Ilha Terceira N.º 1. Separata da Antologia Sonora: O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. JGAH. (LP 7" , ø18cm, 45 rpm) ASF 031.

[ICPD 1957]

Cantares do Povo de S. Miguel. Separata da Antologia Sonora: O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. ICPD. (LP 7", ø18cm, 45 rpm) ASF 032.

[JGAH 1957b]

Música Popular da Ilha Terceira N.º 2. Separata da Antologia Sonora: O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. JGAH. (LP 7", ø18cm, 45 rpm) ASF 033.

[ICPD 1963 1-12]

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Antologia Sonora: Ilha de Santa Maria 1-12. ICPD. (LP 7", 45 rpm) [LP] ASF 034-045.

[ICPD 1965 1-7]

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Antologia Sonora: Ilha de S. Miguel 1-7 (2.ª campanha). Ponta Delgada: ICPD. (LP 10", ø25cm, 33^{1/3} rpm) [LP] ASF 046-052.

Edições em CD dos discos etnográficos compilados por Artur Santos

[©ICPD / A. Santos; Produção 2001 Emiliano Toste]⁷.

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Antologia Sonora da Ilha de S. Miguel 1-4 (Campanha de 1960). S. Mamede de Infesta: Emiliano Toste [EMTCD037/01].

[©ICPD / A. Santos; Produção 2002 Emiliano Toste].

O Folclore Musical nas Ilhas dos Açores. Ilha de Santa Maria 1-2 (Campanha de 1958). S. Mamede de Infesta: Açor [EMTCD049/02].

Recriação de música tradicional gravada por Artur Santos

Segundo base de dados ainda em fase de elaboração no INET, há referências a gravações de A. Santos e é feita a recriação de faixas gravadas por ele nos Açores, nos seguintes discos:

Brigada Victor Jara

1977 *Eito Fora. Cantares Regionais* [LP]. Lisboa: Mundo Novo. MNLP 003.

Faixa: *Pezinho da Vila*

1979 *Tamborileiro*. [LP]. Lisboa: Mundo Novo. MN [s.n.º]

Faixa: *Rema S. Gonçalo*

1982 *Marcha de Foliões*. [LP]. [s.l.]: Vadeca - J.C. Donas Lda. Depart. de discos. VN - 4019-191

Faixas: *Chamarrita e Marcha de Foliões*

1984 *Contraluz*. [CD]. [Lisboa]: CBS. 26-230.

Faixas: *Cantiga Bailada, Falsete dos Mouros e Ilha de sons (Chamamento da Moreia nos discos de A. Santos)*

1995 *Danças e Folias*. [CD]. Lisboa: Farol Música, Lda. FAR 00006/95.

Faixa: *A Fofa*

Carlos Medeiros

2000 *Dança das Fitas*. [CD]. Praia da Vitória: Irishlab (ed. subs. Câmara Municipal da Praia da Vitória, Casa da Cultura de Angra do Heroísmo e Casa Vitorino Nemésio)

Faixas: *Sericotão e Pai Paulinho (Ó Negros Lá do Sertão, nos discos de A. Santos)*

Maio Moço

1987 *Inda Canto Inda Danço*. [LP]. [Lisboa]: Vidisco. 11.80.1355.

Faixas: *Bela Aurora e Tirana*

Ronda dos Quatro Caminhos

1991 *Romarias*. [CD]. [s.l.]: Ovação. OV-CD-003.

Faixa: *Chamarita*

Notas

- ¹ Texto lido na UNL a 30 de Março de 2001, na defesa da Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais, Ramo de Etnomusicologia, orientada pela Professora Doutora Salwa Castelo-Branco. Foram aqui feitas apenas pequenas alterações para actualização de dados.
- ² O estudo apresentado foi condicionado pela formação, postura profissional e ligação a A. Santos que assumo como investigadora. Fui aluna do Professor A. Santos no CN de 1973 a 1980, instituição onde vim a leccionar (1987-1994). Do Curso de Composição só tinha Harmonia como disciplina obrigatória, por ser aluna do Curso de Piano. Apesar disso, continuei a trabalhar com A. Santos, até à sua reforma, nas disciplinas de Contraponto e Fuga, já do Curso Superior de Composição. Ao Prof. A. Santos (e à Prof.^a Elisa Lamas, uma das entrevistadas para esta dissertação), devo grande parte da minha formação musical, da minha maneira de entender a música erudita. Em sete anos de aulas bissemanais, que me lembre, só em duas ocasiões A. Santos nos mostrou fotografias de Angola e contou pequenas histórias das estadias de campo, na companhia de sua mulher e assistente. Só com a investigação levada a cabo enquanto mestranda pude avaliar a importância que a Etnomusicologia teve na sua vida. O compositor interessado na formação de uma escola de composição de cunho nacional, não se revelou nas minhas aulas.

Em relação a outros estudiosos de MTP no período em estudo cuja actividade seja comparada com a de A. Santos nesta dissertação, apenas tive o privilégio de conhecer Fernando Lopes Graça. Leccionei (1984-1990) e fiz parte da Direcção da Academia dos Amadores de Música (1988/9), quando Lopes Graça era seu director. A então directora dessa escola, Prof.^a Teresa Meneres, aconselhou-me o prosseguimento de estudos no Instituto Kodály (1986/7 e 1990/1). Interessei-me na Hungria pela utilização da música tradicional na composição da música erudita e adquiri consciência do papel que a música tradicional pode ter na formação musical no ensino genérico e artístico, comprovado pelo impacte que os trabalhos desenvolvidos por Zoltán Kodály e Béla Bartók tiveram na Educação Musical do povo húngaro, que aliás Lopes Graça advogava. Para além da carreira de A. Santos, é o contexto em que a sua obra foi realizada e o universo de estudiosos em que se incluem Lopes Graça, Kodály, Bartók e muitos outros, que são analisados na referida dissertação de mestrado.
- ³ Entre colegas e alunos de A. Santos foram entrevistados a Prof.^a Doutora Maria Augusta Barbosa e os professores Eduarda Pavia de Magalhães, Maria Cristina Lino Pimentel, Florinda Santos, Elisa Lamas, Maria Fernanda Mella, Olga Prats, Luís Filipe Pires, Maria Amélia Abreu, Maria de Lurdes Martins, António Toscano, Carla Seixas, José Manuel Bettencourt da Câmara, João Pedro Mendes dos Santos e José Bon de Souza e ainda os maestros António Vitorino de Almeida e José Atalaya.
- ⁴ Todas as colecções de discos editadas da autoria de A. Santos estão listadas na discografia, incluindo as novas edições em suporte digital.
- ⁵ A primeira exposição de que resultou um catálogo incluía instrumentos e fotografias da “Missão Folclórica” a Angola [DIAMANG 1951], que foi realizada no SNI (1951), sendo posteriormente apresentada no Museu dos Trópicos em Amesterdão (1954). Em Santa Maria, foram expostas fotografias referentes à “Campanha de 1958” de que resultou um catálogo [DRC 2005].
- ⁶ A documentação escrita inédita está depositada no MAH (Ilha Terceira) e no INET (UNL).
- ⁷ Apesar da indicação impressa na capa dos 4 Cds e no texto do folheto que os acompanha, estas gravações não foram apenas realizadas em 1960, mas em 1952/3 e 1959/60.